

IMAGENS DE DEUS EM ISAÍAS 40.9-11 e 49.14-16.

Images of God in Isaiah 40:9-11 and 49:14-16.

Gelci André Colli ¹

RESUMO

O presente artigo investiga as imagens teológicas do chamado Dêutero-Isaías, considerado continuador e aprofundador da tradição profética do Proto-Isaías (séc. VIII a.C.). Embora não seja essencialmente inovador, Dêutero-Isaías apresenta com notável clareza e beleza poética uma compreensão singular de Deus como Criador, Redentor, Salvador, Santo de Israel, Todo-Poderoso e Deus misericordioso. Sua obra articula reflexões sobre a história mundial do Antigo Oriente Médio, a função da palavra profética, a centralidade de Jerusalém e os Poemas do Servo de Yahweh, concebendo a salvação como um novo êxodo e uma nova criação. Em contexto de exílio babilônico, o profeta enfrenta a crise de fé israelita, reformulando a concepção de Yahweh e destacando sua soberania sobre a história e os deuses estrangeiros. O estudo concentra-se nas imagens e atribuídas a Deus em Isaías 40.9-11 e 49.14-16, evidenciando a habilidade teológica do profeta na readequação da relação entre Yahweh e o povo da aliança. Busca-se, assim, contribuir para o debate hermenêutico sobre a concepção bíblica de Deus e sua relevância teológica.

Palavras-Chave: Isaías; teologia bíblica; concepção de Deus; hermenêutica.

ABSTRACT

This article investigates the theological images of the so-called Deutero-Isaiah, regarded as a continuer and deepener of the prophetic tradition of Proto-Isaiah (8th century BCE). Although not essentially innovative, Deutero-Isaiah presents, with remarkable clarity and poetic beauty, a unique understanding of God as Creator, Redeemer, Savior, the Holy One of Israel, Almighty, and Merciful God. His work interweaves reflections on the world history of the Ancient Near East, the role of the prophetic word, the centrality of Jerusalem, and the Servant Songs of Yahweh, conceiving salvation as a new exodus and a new creation. In the

¹Doutor em Teologia pelo PPG da Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo (2012). Professor nos cursos de Bacharel em Teologia, com ênfase em Exegese e Teologia Bíblica na Bíblia Hebraica e no Novo Testamento Grego. Coordenador Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Cristã de Curitiba.



context of the Babylonian exile, the prophet addresses Israel's crisis of faith by reformulating the conception of Yahweh and emphasizing His sovereignty over history and foreign gods. The study focuses on the images attributed to God in Isaiah 40:9-11 and 49:14-16, highlighting the prophet's theological skill in redefining the relationship between Yahweh and His covenant people. The aim is to contribute to the hermeneutical debate on the biblical conception of God and its theological relevance.

Keywords: Deutero-Isaiah; biblical theology; conception of God; hermeneutics.

INTRODUÇÃO

O chamado Dêutero-Isaías deu continuidade à teologia do profeta Isaías do VIII século a.C., que aqui nos referiremos como Proto-Isaías. Todavia também inscreveu e desenvolveu suas reflexões nesse programa de maneira admirável e com tal originalidade que a profundidade de sua teologia fica quase insondável. Na teologia de Dêutero-Isaías, Deus é o Único, o Criador, o Redentor, o Salvador, o Santo de Israel, o Todo Poderoso, o Deus Misericordioso e Amoroso. Dêutero-Isaías não era essencialmente um inovador, mas ele articulou com maior clareza e talvez com maior beleza poética, mais que os seus predecessores, uma compreensão teológica de Deus, da história mundial no Antigo Oriente Médio de sua época, o universo, e a influência que Deus exercia sobre esses fatores.

A ênfase no poder da palavra que Dêutero-Isaías personificou (Is 40.8; 55.11), a importância de Jerusalém, e acima de tudo os Poemas do Servo de Yahweh são todos marcas da teologia de Dêutero-Isaías. A salvação do povo é concebida como um novo êxodo e uma nova criação. O Santo de Israel é “o Primeiro e o Último”, o que prediz o futuro e o realiza, quem faz de todos os outros deuses estrangeiros, vaidade e vacuidade. Deus é aquele que tem uma aliança com o povo de Israel.

Dêutero-Isaías desenvolveu a teologia da história. Diante da situação do exílio babilônico e toda a configuração que este evento implicou, o profeta buscou tratar da crise de fé dos judeus. A reformulação da concepção de Yahweh foi um dos propósitos desse profeta. A compreensão de Deus como Criador e Redentor parece não ter nenhum paralelo no Proto-Isaías. Das várias imagens com as quais

procurou descrever Deus e nomes que apresentou para seus ouvintes e eleitores, serão tratadas neste artigo as que estão contidas em Is 40.9-11 e 49.14-16. Pretende-se demonstrar a habilidade teológica do profeta em seu trabalho de readequação da relação de Yahweh com o povo da aliança, bem como contribuir e prover encaminhamentos para o debate sobre a concepção de Deus na hermenêutica bíblica.

1. Deus em Isaías 40.9-11

^{40.9} Sobe sobre um monte alto,

Sião faça alta em força a tua voz anunciando boas novas.

Jerusalém faça alta (a sua voz) anunciando boas novas para que não tema.

Fale para as aldeias de Judá:

Eis que! Vosso Deus.

^{40.10} Eis que! O Senhor Yahweh vem com a aparência de um homem forte, dominando com seu poder.

Eis que! A recompensa do seu feito está diante dele.

^{40.11} Como pastor de seu rebanho, apascentará com força, ajuntará cordeiros e os carregará em seu colo, guiará cuidadosamente os que amamentam.

Esta unidade literária faz parte de um conjunto de quatro unidades que formam o texto de Is 40.1-11, o chamado prólogo do livro de Dêutero-Isaías, que introduz e indica os principais desenvolvimentos da mensagem deste profeta ou grupo profético. Nestas quatro unidades de Is 40.1-11 são proclamadas uma série de ordens a personagens diferentes. Mas esta última unidade, Is 40.9-11, releva-se à pesquisa por apresentar uma combinação de imagens que anunciam o evento de Yahweh. Cada imagem por si só já comunica forte sentido. O que quer dizer Dêutero-Isaías aos exilados com essas imagens?

1.1. Yahweh, o Deus que vem.

Aqui, nos vv. 9-11 a ordem é dada, porém, tem destino certo: Jerusalém. Sião e Jerusalém são paralelos que se convergem num único arauto de Yahweh e deve anunciar a toda a Judá a atuação libertadora de Yahweh. O advérbio *hineh* “Eis que!” surge neste oráculo em triplicidade formando um paralelo com o triplo *ki* do v. 2 que justificava a libertação.



Agora o triplo *hineh* tem a função de mostrar a qualidade e propósito da libertação.

No espaço dos vv. 3-8 desenvolve-se a resistência dos exilados em relação à Yahweh, ao retorno e à missão. Essa resistência é combatida pela teologia da palavra permanente, cumpridora e criativa de Yahweh. Essa garantia da palavra de Yahweh estimula os exilados a cumprirem sua missão como portadores de boas novas ao povo pobre que ficou em Judá. A volta dos exilados para o auxílio dos pobres é descrita como obra do Senhor Yahweh que vem dominando e governando com poder, e traz com ele os despojos da batalha vencida. Este é o motivo pelo qual o arauto deve subir ao monte e anunciar as boas-novas.

Claus Westermann classifica estes versos como a base da categoria literária do “salmo de louvor escatológico” peculiar ao Dêutero-Isaías. A chamada para o louvor é sempre substantiada por um verbo no tempo perfeito: Deus já agiu. Na deliberação de Yahweh já aconteceu a libertação, e a função proclamadora de Jerusalém corresponde à categoria literária proeminente em Dêutero-Isaías, os oráculos de salvação (WESTERMANN, 1969, p. 44). Se a vitória é a libertação, o provável despojo pode ser os exilados libertos, que o poderoso Yahweh traz de volta. A imagem do rei vencedor pode preparar a identificação posterior que o profeta faz de Yahweh com o *go’el* (Is 41.14; 44.6; 48.17; 49.7,26; 54.5,8). A imagem do pastor que cuida das suas ovelhas, em especial daquelas mais fracas também pode ser considerada uma alusão ao êxodo e de como o novo êxodo será melhor que o primeiro. Há uma memória do êxodo em Deuteronômio 25.17-18 que diz o seguinte:

¹⁷Lembre-se do que Amaleque fez no caminho, quando você saiu do Egito: ¹⁸ele veio ao seu encontro, quando você estava cansado e sem forças e, sem temer a Deus, atacou pelas costas todos os desfalecidos que iam atrás. (Dt 25.17-18)

A símile do pastor que cuida das necessidades de suas ovelhas somada à do rei vencedor sugerem a capacidade de Yahweh em libertar com força, poder, e ainda carinhosamente assistir às necessidades dos fracos e debilitados (BRUEGGEMANN, 1997, p. 21). Parece então que, desde o hebraico e nos idiomas cognatos, *bassar* denota sempre boas novas, e deveria ser entendido como tal. A derrota e morte de Absalão eram boas novas para o exército israelita (2Sm 18.19-31), assim também



eram boas novas a derrota do exército de Israel e a morte de Saul e seus filhos no Monte Gilboa para os Filisteus (2Sm 1.20). O texto de 1Sm 4.17 poderia ser considerado uma exceção.

Uma nuance que deve ser destacada: especialmente *bassar* significa boas notícias de vitória em batalha. É uma vitória numa situação de risco de morte, salvação de escravidão e degradação. Por exemplo, a vitória sobre os Amonitas significou que os homens de Jabesh-gilead não ficariam sob o jugo de Naas, nem teriam os olhos arrancados (1Sm 11.1-11). Por conseguinte, notícias de vitória em batalha têm que ser publicadas: a guerra está terminada, o povo está seguro, e os vencedores olham adiante os espólios de guerra. Então, Israel se alegra quando Yahweh vence um grande exército, os reis fogem e as mulheres são encarregadas de repartir o espólio (Sl 68.11). Por conseguinte, boas notícias são anúncios de “paz, felicidade, salvação, riqueza, fartura, solidariedade” (Is 52.7).

Bernhard Duhm considerou estranha a ideia de Jerusalém escalando uma alta montanha (DUHM, 1922, p. 266). Mas o quadro poético está claro porque Jerusalém/Sião é personificação dos evangelistas, por assim dizer dos exilados que retornaram. Sendo o primeiro a testemunhar o retorno de Yahweh à frente do seu cortejo, lhe comandam que proclame as notícias de salvação para todos das aldeias de Judá. Jerusalém devia proclamar as boas novas com voz alta e sem medo porque o Deus da aliança está vivo; a aliança estava quebrada, mas foi renovada; as promessas de Yahweh permanecem sempre e a proclamação é para as cidades de Judá. Nabucodonozor tinha deportado a nata da população: só os mais pobres permaneceram em Judá. Devia ser a este grupo que Jerusalém teria de anunciar o retorno de Yahweh “Veja seu Deus”. Jerusalém devia proclamar o advento de Yahweh e o seu reinado como rei (conforme Is 52.7). Com a proclamação um novo Israel seria criado, e um eco disto é o texto em Salmos 96.2.

Jerusalém deve elevar a sua voz com força. A proclamação será feita com uma voz alta e clara. Sião deve troyear as boas novas de vitória e deve fazer isto sem medo. O comando “não tema” é um Oráculo de Salvação (Heilszuspruch). Jerusalém não deve temer ser contradita ou de ser impedida por um adversário. Agora Judá poderá ser repovoada, pois o povo não mais estará a mercê dos inimigos, por exemplo, a ação de Edom denunciadas em Obadias. A esposa abandonada terá muitos filhos e esquecerá da maldição de sua viuvez, uma vez que o seu marido é Yahweh dos Exércitos, o Santo de Israel (Is 54.1-5). A glória de Yahweh cuja partida

do templo foi testemunhada por Ezequiel, agora retornará e será anunciada nas aldeias de Judá que Sião deve proclamar o inimaginável: o retorno do seu Deus.

Essas aldeias aflitas e empobrecidas conhecerão um tipo de alegria que elas não conheceram por uma geração: eles aprenderão que, apesar de todas as aparências contrárias, o Deus do pacto ainda está vivo, que a Palavra dele permanece ‘de pé,’ em contraste com as flores que se inclinam e morrem, e que Deus voltará assim como os exilados voltarão da Babilônia. (KNIGHT, 1984, p. 16)

Durante os vv. 1-8 do capítulo 40, acontece uma preparação para esta teofania: “Veja seu Deus”, Jerusalém tentou resistir ao comando e o questionou. Agora os imperativos presentes são os mesmos, porém denotam uma ansiedade, pressa, intensidade passional; são muito mais urgentes e abrangentes (MUILENBURG, 1956, p. 431). Yahweh que está vindo é chamado seu Deus, uma lembrança do relacionamento pactual. Em preparação para a vinda dele, a estrada tem que ser aterrada, limpa de pedras e até mesmo um sinal é levantado para o povo (Is 62.10). Yahweh, que está vindo, proclama à filha de Sião: Seu Salvador vem (Is 62.11). O Deus que vem, trás o seu prêmio da vitória com ele, os despojos vêm adiante dele (v. 11).

1.2. Yahweh é como um rei vitorioso

Aqui no v. 10, Deus é mencionado por outro nome, adonai Yahweh que enfatiza o atributo de Deus como um Senhor Soberano e Mestre de toda a criação e de um modo especial o Senhor de Israel. Yahweh vem como um guerreiro para estabelecer o seu domínio e reinado. Ele vem como um conquistador carregando o saque e a pilhagem da conquista. Jacó volta de Paddam-Aram, da casa do seu tio Labão, rico com o fruto do seu trabalho, o seu gado e tudo o mais que ele tinha adquirido (Gn 31.17-18). Esta imagem é de um conquistador que volta de países estrangeiros e reentra na sua cidade em marcha vitoriosa, exibindo os escravos e o saque derivado das conquistas para enriquecer o seu povo.

Os hebreus despojaram os egípcios no êxodo (Ex 12.35-36), os israelitas saquearam o cananitas, exceto os objetos que foram proibidos



para o despojo (Js 6.17-19; Dt 13.16-19). Agora Yahweh despoja os caldeus. Este Adonai Yahweh recorda a ação salvífica de Yahweh por excelência – a libertação da escravidão egípcia – quando Yahweh redimiu o seu povo com mão forte e braço estendido (Dt 4.34; 26.8; 2Rs 17.36; Sl 13.12). George A. F. Knight comenta que Yahweh faz muito mais que libertar os exilados: ele também conforta o seu povo em Judá: “A força do Deus Todo-Poderoso é a força de um gigante benévolo: a força de ternura e amor e cuidado.” (KNIGHT, 1984, p. 17)

Mas em Dêutero-Isaías “braço” serve como metáfora para um significado mais profundo: denota “revelação” e “salvação” (Is 51.5; 53.1). Em Isaías 52.10 se lê: “Yahweh descobre o seu santo braço à vista de todas as nações, e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus.” (Is 52.10).

Yahweh não repousa; ele luta contra o adversário e redime do seu povo tornando assim evidente o seu poder para que todos vejam. L. G. Rignell diz que Yahweh está recompensando Israel por sua conduta meritória, pelo exílio que Israel suportou com paciência (RIGNELL, 1956, p. 14). Mas Israel não se comportou bem durante o exílio. Sobrecarregou Yahweh com iniquidades e pecados (Is 43.24). Israel estava obstinado, com um pescoço de ferro e fronte de bronze (Is 48.4). Jerusalém reclamou: “Yahweh me abandonou, o Senhor me esqueceu” (Is 49.14). A retórica de Yahweh pode indicar ecos de uma reclamação de que Sião “estava divorciada, repudiada, e fora vendida por Yahweh” (Is 50.1). Esta não parece ser a conduta de um cordeiro conduzido à morte ou de uma ovelha antes de seus tosquiadores (Is 53.6).

Uma pergunta importante à questão do despojo é a seguinte: O despojo que Yahweh traz consigo é uma recompensa devida a Deus ou uma recompensa que Deus dispensa ao povo? Deus é rico e como um guerreiro vitorioso não pode voltar sem despojo. Karl Marti pensa que o termo significa “o fruto do trabalho dele” e ambos indicam a salvação de Deus para o seu povo (MARTI, 1900, p. 272). Ernst Young pensa que o ponto em questão pode não ser o cativeiro babilônico, mas uma libertação mais maravilhosa, da escravidão do pecado (YOUNG, 1954, p. 39).

A interpretação que Young defende, redenção de pecado, está distante do tema do retorno épico de Yahweh para Sião que é o assunto em discussão. Perdão de pecados foi tratado no v. 2. Enquanto Israel é a possessão especial de Yahweh, a sua *segullah* (Ex 19.5) é um termo usado

para Israel 6 vezes no Antigo Testamento. Então, a recompensa são os exilados que Yahweh traz de volta da Babilônia.

1.3. Yahweh é como um pastor cuidadoso

Se no v. 10 Deus é chamado “adonai Yahweh”, aqui no v. 11 ele é de forma metafórica chamado “Pastor”. A mudança não é tão abrupta quanto parece porque “pastor” é um motivo isaianico. E mesmo no antigo oriente essa imagem não é exclusiva ao período e à tradição de Israel. No Antigo Oriente Médio a imagem do pastor já era usada como referência para deuses e reis. Na Mesopotâmia o deus Enlil é chamado de “fiel Pastor” (PRITCHARD, 1955, p. 337). Sobre Marduk é dito que ele pastoreia todos os deuses (PRITCHARD, 1955, p. 72). Um antigo texto sumério que trata de alguns deuses e reis antediluvianos que são pastoreados pelo deus Dumuzi (AKPUNONU, 2004, p. 133). Também no Egito, o deus Osíris é descrito em alguns textos como um pastor que supervisiona, protege e sujeita seu rebanho (PRITCHARD, 1955, p. 214). O lendário rei Hamurabi chamava-se de “o pastor, chamado por Enlil” (PRITCHARD, 1955, p. 164). O rei Senaqueribe era conhecido como um “prudente pastor” (AKPUNONU, 2004, p. 133).

Num texto egípcio dos séculos XIV a XII a.C. na descrição de um rei ideal, o personagem é chamado de “boiadeiro de todos os homens” (PRITCHARD, 1955, p. 443). A imagem também era identificada a vários tipos de liderança como se vê o profeta Naum lamentando ironicamente a queda de Nínive: “Eles dormem, teus pastores, rei da Assíria, teus capitães repousam. Teu povo foi disperso sobre as montanhas, ninguém mais poderá reuni-los.” (Na 3.18). Aqui o profeta refere-se aos comandantes do exército assírio como pastores. Interessante nesta referência é que o povo é descrito como ovelhas sem pastor que se dispersam e se perdem nas montanhas.

A Palestina tem dois suportes principais: agricultura e pecuária. Ao longo do período bíblico, a base da economia palestina tendeu entre rebanho e cultivo. A pecuária, bovina e ovina, adquiriu muita atenção porque o rebanho produz leite, carne e lã. No inverno, o rebanho é mantido em lugares protegidos do tempo, mas na primavera e no verão os pastores conduzem o rebanho à uma região onde há fontes e pastagens. Considerando que a jornada é cheia de perigos de ladrões e animais selvagens, os pastores e o rebanho ficam debaixo de proteção divina por



um ato litúrgico especial à noite. Durante o verão os pastores se reuniam para atravessar grandes territórios à procura de água e pastagem. Isto significava que eles poderiam ficar longe de casa por meses durante a qual, a segurança e o bem-estar do rebanho dependiam da competência e boa vontade do pastor (Gn 37).

O pastoreio poderia ser feito pelo dono (Lc 15.4-7), pelos seus filhos (Gn 29.9; Ex 2.16-17), ou por servos contratados (Jo 10.12, 13; 1Sm 17.34). Pastorear era perigoso. Ao pastor não cabia somente proporcionar para a ovelha água e pasto, mas ele tinha que guardar o rebanho de animais selvagens, especialmente de leões, ursos (1Sm 17.34-35; Am 3.12) e ladrões (Jó 1.13-15.17). O pastor não permitia que as ovelhas se dispersassem; ele as mantinha à vista (Ez 34.12) conhece cada uma pelo nome, vai à frente delas e as conduz (Jo 10.3). Ele está preparado para dar a vida dele em favor das ovelhas (Jo 10.11) diferente do trabalhador contratado que foge para salvar a própria vida (Jo 10.12; Jr 2.31; Ez 34.1-8; Zc 11.17). O bom pastor se alegra quando a ovelha perdida é trazida de volta ao aprisco (Lc 15.4-7).

Abel era um pastor (Gn 4.2); assim também eram os patriarcas Abraão (Gn 13.1-13); Isaque (Gn 26.20) e Jacó (Gn 29.20-30, 43). Os filhos de Jacó eram seminômades e no Egito foram encarregados de cuidar dos rebanhos de Faraó (Gn 47.1-5). Davi era um pastor antes de se tornar o rei (1Sm 17.28). A imagem do pastor era principalmente comum em Israel devido à vida nômade e seminômades do povo. Pastorear é uma das ocupações mais antigas da humanidade. Porém, devido a tamanho, abundância, e utilidade, ovelha era determinada por atenção principal. Ovelhas tinham que ser providas com pasto bom e água fresca (Sl 23), não deveriam ser extenuadas (Gn 33.13-14) e o cordeirinho levado nos ombros (Is 40.11).

É comum que o pastor identifique as necessidades peculiares do rebanho e assista a eles além do que é geral, o cuidado de alimentar e dar água ao rebanho, ele tem que se preocupar com o doente e o fraco, e manter os olhos nas ovelhas mães. Uma ovelha sem pastor não tem nenhuma perspectiva de sobreviver (SMART, 1965, p. 54). Pastor é um título para o rei. Como um pastor não vive a vida aparte do seu rebanho, nenhum rei o faz aparte do seu povo. O pastor mantém a paz interna e defende o que ameaça a paz externa. Deus tem força e habilidade para defender o povo dele e prover o bem-estar deles porque Yahweh é Deus

de guerra, é quem dá o grito de guerra, quem marcha com coragem contra o inimigo (Is 42.13) e os pisoteia abaixo (Is 63,3).

A tradição de Deus como Pastor de Israel origina-se na vida de Israel no deserto. A descrição de Yahweh como pastor é antiga: desde os tempos patriarcais. Jacó chamou Yahweh “Deus que foi de nascença meu pastor até este dia” (Gn 48.15). Há dois outros textos onde Deus é chamado Pastor explicitamente: “Yahweh é meu Pastor...” (Sl 23.1); e “O Pastor de Israel, nos ouça conduza Jacó como um rebanho” (Sl 80.1).

Joachim Jeremias destaca que é surpreendente a escassez de referências nas quais o título é usado para Yahweh embora o uso da metáfora seja farto, especialmente no Antigo Testamento (JEREMIAS, 1976, p. 487). Pode ser encontrado em Miquéias 4,6-8; 7,14; Jeremias 23.3-4; 31.10; e Ezequiel 34; entre outros. Yahweh, o pastor, vai adiante das suas ovelhas (Sl 68.7); conduz o seu rebanho para pastar (Jr 50,19), guia-os, conduze-os a águas tranquilas, protege-os com o seu cajado (Sl 23,24), assobia para eles (Zc 10.8), junta os que foram dispersados (Jr 31,10), e carrega o cordeiro nos seus braços (Is 40,11).

É bastante curioso que a maioria destes textos que falam de Yahweh como pastor pertence ao período do exílio e pós-exílio. Mas um fator convincente surge: embora a imagem do pastor seja conhecida e usada, o título “de pastor” não parece ter se tornado um título divino. No entanto, o retorno épico do segundo êxodo apresenta uma descrição da figura de um pastor que cuida das suas ovelhas (Is 49.9-11). Foram também chamados de pastores os líderes de Israel. Moisés implorou a Deus que designasse um líder para a comunidade de Israel, que os liderasse, os levasse e os trouxesse, de forma que a comunidade de Yahweh não ficasse como ovelha sem pastor (Nm 27.17). Os líderes religiosos e políticos também foram chamados pastores (Jr 2,8; 3,15; 2Sm 7,7).

No rebanho há animais pequenos muitos jovens e tenros que por causa da pouca idade e tamanho não conseguem acompanhar o passo dos maiores e mais velhos e acabam ficando para trás. Em Gn 33.13 Jacó diz: “Meu senhor sabe que as crianças (filhotes) são delicadas e que devo pensar nas ovelhas e vacas de leite; se os forçar um só dia, todo o rebanho vai morrer.”

O pastor tem que cuidar dos pequenos tanto quanto do mais velho, com o pequeno que ainda requer maior atenção. A ovelha tem como características naturais a fraqueza, ingenuidade, insensível à ameaça iminente ou perigo. Tudo isto faz o trabalho do pastor mais difícil e

delicado. Conduzir, guiar a um poço ou abrigo; levar a uma fonte; conduzir para um lugar de descanso, pressupõe abundância de água fresca e um lugar de descanso.

Yahweh está como um pastor que, com oferta de cuidado amoroso, provê todas as necessidades do rebanho. Com a força do seu braço, ele junta o rebanho que estava espalhado - uma imagem do resgate da ovelha a vagar. Ele leva os cordeiros nos seus braços. Na teologia de Dêutero-Isaías, Yahweh conduzirá o rebanho à águas refrescantes, para um lugar de descanso. Esta imagem tem muito em comum com Sl 23. Nos poemas de Sião, no episódio do retorno épico maravilhoso de Yahweh e dos exilados, nós lemos: “porque aquele que se compadece deles os guiará, conduzi-los-á aos mananciais.” (Is 49.10).

Esta é uma imagem maravilhosa do profeta. O profeta combina a “força do seu braço” com a ternura de “levando nos seus braços” (DUHM, 1922, p. 266). A força do Deus Todo-poderoso é a força do gigante benévolo, a força da ternura do amor e cuidado (KNIGHT, 1984, p. 17). Por conseguinte, o retorno épico tem duas características; força e bondade. Tal combinação de força e compaixão não é comum na tradição bíblica. É raro ver descrito as duas ações aqui reveladas, que mostram a ternura e o amor do pastor (PENNA, 1964, p. 408).

A ideia de que Yahweh conduz o seu povo como um pastor conduz o seu rebanho, está embutido profundamente na tradição Israelita (Sl 80,2; 23,1; 28,9). Mas Yahweh não perde o interesse pelo Israel rebelde e obstinado. Ele continua o conduzindo através do exílio para a restauração. No texto pós-exílico de Miquéias é descrito que Yahweh conduzirá o seu povo como um pastor com seu cajado para pastar em Basã e Gileade como outrora (Mq 7.14). O “braço governante” de Yahweh no v.10 é equiparado aqui no v.11 pelo “braço carregador”.

As linhas finais imprimem a mesma nota de conforto do começo, são a quinta-essência das boas novas (DELITZSCH, 1890, p. 83). Com esta imagem cheia de ternura do Deus atencioso, a unidade chega a um fim. Amor, preocupação, e o futuro esplêndido que vem do Deus Redentor de Israel dominam a unidade inteira.

Nem por isso, a tensão se esvaece. Ainda mais pelo relacionamento das figuras do guerreiro e do pastor. Ambos, guerreiro e pastor, podem ser metáfora para soberania divina, portanto, pressagiam a declaração de que Yahweh reina na passagem paralela em Is 52.7. Mas também podem ser sucessivos: Yahweh é primeiramente imaginado com um guerreiro e então

como um pastor, para substituir contexto político imediato pela utopia do paradigma pacífico.

O anúncio de restauração com essas imagens vincula-se ao ambiente dos reis pela imagem do guerreiro vitorioso diretamente, e metaforicamente pela imagem do pastor. A vitória na guerra é incontestável, mas talvez diante da desolação de Judá e do poderio babilônico não seja simples vislumbrar o retorno. Ainda mais, quando está fresco na memória a atuação dos reis de israelitas que pouco ou quase nada se diferenciam dos reis estrangeiros (40.6-8). Ambos sustentam seus mandos e desmandos pela força, e seu luxo pela apropriação. Dêutero-Isaías parece utilizar a metáfora do pastor com sagacidade. Ela refere-se a realeza, como já foi visto na tradição oriental, mas também evoca a justiça e a harmonia do campo como um modelo de proceder para os reis. Mas o rei em questão é Yahweh, é ele que vai conduzir seu povo no retorno e reconstruir Judá a partir de Jerusalém.

2. Deus em Isaías 49.14-16

- 49.14 Mas Sião diz: Abandonou-me Yahweh,
e meu senhor esqueceu-se de mim.
- 49.15 Esquecerá a mulher de amamentar seu bebê,
de se compadecer de seu filho em seu ventre?
Ainda que esta esqueça,
e eu não esqueci de ti.
- 49.16 Eis! Nas palmas te gravei,
os teus muros permanecem diante de mim.

O livro de Dêutero-Isaías começa com uma ordem repetida para que alguém conforte o povo de Deus (Is 40.1). O termo duplo usado é *naham* e pode referir-se à uma mudança de ideia ou humor. Confortar é induzir uma mudança, deixar para traz o passado, esquecer. É, num sentido positivo e contextual ao exílio, fazer surgir no horizonte a esperança. Mas Dêutero-Isaías destaca insistentemente que Deus não se esquece (Is 40.27; 49.15). Aqui o verbo sinaliza uma transformação em Deus, do julgamento para compaixão. Mas, como tal, esta transformação é instável, já que sempre pode ser revertida.



Com essas palavras iniciais que dão início a Dêutero-Isaías como o livro das consolações, anuncia-se que elas podem ser equivalentes, duplicadas, ou ainda muito maiores à desgraça que as precederam como sugere 54.8. O conforto é, porém, uma função maternal, tanto transculturalmente como no texto de Dêutero-Isaías. Como aquele que conforta, ou que é a origem do conforto, Deus pode agir como uma mãe, como insinua Isaías 49,15. Deus evoca para si uma espécie de maternidade, um lugar/ventre no qual Israel pode renascer. O ambiente maternal de conforto tem como característica a consolação. Deus como aquele que dá vida aos mortos, e de outra forma eles não poderiam ser vivificados, pode bem ser imaginado como uma mãe indica o profeta.

O cuidado maternal já foi inferido metonimicamente na primeira unidade do prólogo com a restauração do conforto, tanto de Deus como do coração abatido, desolado ou cativo de Jerusalém; é tanto uma restauração do passado quanto um novo começo (Is 40.1-2). Aqui, na nova imagem, o ritmo das imagens transcende e abre a possibilidade para além de um drama humano. São reclama. Não enxerga em seu abandono, em sua situação como de uma mulher esquecida pelo marido, a possibilidade da restauração. Não há o que a console mesmo diante da notícia de que agora os filhos perdidos de Jerusalém vão voltar para casa.

Há que se perguntar como isso se dá na perspectiva do olhar de mulher? A queixa de São em 49.14 é uma pista para essa reflexão: “Mas São diz: Abandonou-me Yahweh, e, meu senhor, esqueceu-se de mim.” É prudente notar que a mensagem dos capítulos 40-48 gravita em torno de Jacó-Israel, um termo que sugere, entretanto não exclusivamente, a comunidade de judaítas na Babilônia. Ocasionalmente neste bloco refere-se a Jerusalém-São. Talvez uma lembrança aos exilados de que aquela é a casa, o destino deles. Mas nos capítulos 49-55 a mensagem gravita em torno de Jerusalém-São.

Em vez de dizer a Jacó-Israel “você está livre para voltar para casa”, Yahweh diz para Jerusalém-São que “seus filhos estão a caminho de casa.” Isto não significa que agora o profeta fala em Judá. Os exilados podem perceber a realidade de seu retorno a Judá de outro ângulo, o da mulher/mãe Jerusalém. A mulher Jerusalém sofre a mesma crise de fé e esperança que os exilados. A queixa do v. 14 corresponde exatamente a de 40.27 “Porque dizes tu, Jacó, e por que afirmas, Israel: ‘Meu caminho está oculto a Yahweh; o meu direito passa despercebido a Deus?’”.



Para Blenkinsopp, antes de ser representado em condições femininas, como alguns alegam, Yahweh preenche o papel, pelo menos aparentemente, o papel do marido ausente, como é o caso em 50,1a (BLENKINSOPP, 2002, p. 310). Essa imagem matrimonial parece ter sua origem em Oséias 1-3, que tem Jeremias 3 e 31 como exemplos de continuidade dessa tradição. Essa linguagem também tem um *sitz in leben* característico, trata-se de uma linguagem legal, jurídica. Tem validade o que está no documento. A resposta de Yahweh terá que confortar Jerusalém de que não a abandonou nem a esqueceu.

Blenkinsopp parece ter razão. Realmente Yahweh não é representado diretamente como mãe. Nas imagens anteriormente estudadas, Yahweh foi representado diretamente como rei guerreiro e pastor, mas aqui não é assim. Yahweh também sabe o que é o amor de uma mãe para com seu bebê, e argumenta assim que não poderia esquecer-se de Jerusalém. O argumento é reforçado com um fato que hoje poderia ser descrito como o retrato de Sião sobre a escrivanhinha de Yahweh em todo o tempo (v. 16). Enquanto lembrando dos muros destruídos?... A inscrição nas mãos parece insinuar marcas esculpidas ou tatuagens, mas é diferente da situação na qual as pessoas escrevem “de Yahweh” nas suas mãos (44,5), nos lança a uma questão muito importante para o papel das cidades no antigo oriente. Um paralelo disto é o esboço da cidade de suméria de Lagash desenhado na estátua do rei Gudea (PRITCHARD, 1954, #749). Os termos *katav* (44.5) e *haqaq* (49.16) não parecem ser sinônimos. A LXX pode ser uma pista para o sentido do texto no v. 16 “em minhas mãos eu desenhei suas paredes”. Para Jerusalém pode significar que Yahweh tem projetado uma cidade, em suas mãos a planta da nova Jerusalém, uma *civitas dei* (BLENKINSOPP, 2002, p. 311).

Talvez a indignação de Jerusalém seja oriunda da realidade de suas ruínas desertas diante da promessa de que seus filhos voltarão e a cercarão em tal número que ela mal poderá abraçá-los. Nada pode fazê-la acreditar que terá uma família numerosa como anunciada. O quadro nos versos 19-21 brinca entre a realidade literal de cidade e seus habitantes e o símbolo de cidade mãe que protege as suas crianças com a relação simbiótica entre cada um destes.

O assunto desta unidade é Sião, quer dizer, a cidade de Jerusalém. A passagem começa com Sião que lamenta o fato que Deus esqueceu e a abandonou (v. 14). Isto conduz para a declaração surpreendente de Yahweh (v. 15) que ele nunca esquecerá de Sião. Esta declaração é feita de

um modo bastante pungente: Deus tem um amor verdadeiramente profundo por seu povo, um amor que rivaliza e se necessário ultrapassa ao de uma mãe para com o seu bebê. Esta imagem é tão forte que Volz disse o seguinte a respeito desse amor de Deus pelo seu povo: “Este amor é maior que o amor de mãe, mais forte que o sentimento humano mais forte, mais íntimo que o laço natural mais íntimo.” (apud. NORTH, 1964, p. 194).

O pastor que apascentava um rebanho de ovelhas, ele mesmo as amamentava exercendo uma função maternal numa organização de cunho materno, agora é tratado como marido e reage como mãe. A reclamação de Sião no v. 14 evoca claramente as ameaças dos profetas predecessores que usaram a metáfora do matrimônio para exigir a fidelidade de Israel, e caso não houvesse, Yahweh abandonaria Israel como o marido se divorcia e repudia uma esposa. Parece que Jerusalém reconhece não só o cumprimento das ameaças, mas também é possível que reconheça sua culpa (50.1-2). Talvez essa seja a causa da desesperança de Jerusalém diante do quadro anunciado, saber que foi advertida e não deu atenção. Como responder a tamanha desesperança?

Yahweh de forma surpreendente responde a queixa da mulher repudiada Jerusalém não como o marido a quem a queixa é dirigida. Converte a tensão para a perspectiva essencialmente feminina. Yahweh responde à mulher como uma mãe, não como o senhor que tem direitos legais sobre ela. Embora Yahweh seja o marido, como bem disse Blenkinsopp, agora ele age com sensibilidade feminina. Para uma mulher, a queixa de Jerusalém é grave, pois está circunscrita no ambiente das relações que dependem a situação da mulher no antigo oriente. A resposta de Yahweh então é substancialmente íntima ao próprio ser mulher. É feminina por excelência e por natureza. Metonimicamente a relação de Yahweh com Israel é vista na perspectiva de Israel na relação matrimonial, e na de Yahweh na relação maternal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas imagens do prólogo, pode-se reconhecer facilmente até mesmo nos primeiros versos os temas fundamentais de Dêutero-Isaías: consolar os pobres, o novo êxodo, a peregrinação pelo deserto, a glória de Yahweh, a transcendência e a infalibilidade da palavra divina, proclamação de boas novas, o retorno dos exilados, cuidado providencial para com os



erros do povo (BONNARD, 1972, p. 92). O Prólogo começa com o comando de Deus para consolar o seu povo; proclamar um êxodo mais grandioso que o primeiro, com Yahweh que conduz seu povo com cuidado até Judá.

Como Yahweh salvou Israel do Egito com mão forte e braço estendido, assim ele derrotará o Império Caldeu e destruirá a Babilônia que é forçada a se sentar no pó com a sua nudez exposta (Is 47.2). Com o mesmo braço Yahweh leva o povo dele como um pastor leva os seus cordeiros e com suavidade conduz as suas ovelhas a águas refrescantes. O braço que é elevado em triunfo é abaixado em compaixão. O intento original da metáfora do rei e pastor, pelo seu uso em várias tradições, era temperar a imagem do poder real absoluto com uma preocupação com a justiça e cuidado com os fracos e desterrados da sociedade. E neste sentido é que parece ter sido usada a figura do bom pastor nos evangelhos em Lc 15.37 e Jo 10.1-18 (BLENKINSOPP, 2002, p. 187).

No segundo bloco as implicações da promessa de restauração a Jerusalém quase são obscurecidas pela resistência de Jerusalém em acreditar na realização da promessa. Jerusalém personificada na mulher é convidada a olhar e ver as multidões das pessoas que se apareceram de repente e estão prontos a repovoar a cidade e a província. Se antes, no prólogo, Yahweh ordena que se fale ao coração de Jerusalém (40.2), que alguém a convença de seu tempo de sofrimento terminou. E o termo falar ao coração é linguagem relacional que não significa sentimentalismo ou romance, significa convencer, fazer considerar, portanto uma atividade quase dialética. Agora no segundo bloco do livro é o próprio Yahweh quem fala ao coração de Jerusalém, mas com argumentos diferentes, pelo menos em perspectiva (54.4-8).

O que espanta Jerusalém é que ela não será somente reconstruída, será também repovoada. Ela será repleta com seus filhos, recuperará a sua dignidade, e não terá mais do que se envergonhar (49.17-19.23). A garantia de que Yahweh não abandonou ou esqueceu de Jerusalém assume uma forma mais concreta e específica com o compromisso de que a cidade será reconstruída. É evidente que a metáfora do matrimônio é a linguagem que dá tom no segundo bloco. Yahweh, o Santo, o Redentor, o Criador, o Senhor dos Exércitos, o Deus de toda a terra, é acentuadamente o marido, o 'adonay de Jerusalém/Sião.

A capacidade poética de Dêutero-Isaías se evidencia nisto, que Yahweh como marido de Jerusalém, responde como mãe. A ordem para

que Jerusalém cante alegremente e alargue sua tenda em 54,1-3 pode ser associada a atitude materna de Yahweh para com Jerusalém. Ali, a estéril e a que não pariu será farta dos filhos que Yahweh lhe dará. O amor materno de Yahweh se expressa na tensão que convoca a figura do marido na queixa de Jerusalém e se projeta na figura da mãe e sua íntima ligação com seu bebê. De um lado, a mulher sem marido (49.14) e que perdeu seus filhos (51.18-20). De outro, Yahweh o marido que ama como mãe (49.15) e arquiteto divino (49.16). De modo nenhum Yahweh rejeita o papel legal de marido de Jerusalém. Mas amando como ama a mãe seu bebê, e sonhando com a sua criação como aspira o arquiteto por sua construção, Yahweh é materno. Jerusalém encontra em Yahweh não só a compaixão necessária para sua restauração, mas o meio propício. Yahweh é tem um coração de mãe que tudo suporta por amor de seus filhos, que de todos se compadece, pois cada um deles são extensão de seu ser. Yahweh em Dêutero-Isaías é como um útero materno fértil que logo dará à luz a cidade mãe de todos os povos.

Dêutero-Isaías não foi econômico ao referir-se a Deus. Utilizou as mais antigas tradições, separadas e isentas umas das outras ou combinadas. Também inovou retoricamente no uso dessas linguagens. Ensina-nos o profeta que necessário é em tempos de crise, onde a linguagem conhecida e fundamentada pelo tempo já não é suficiente à luz do novo contexto, usar a criatividade e a sensibilidade nas percepções, principalmente nas religiosas. Pois, essas, tendem a ficarem engessadas e a não acompanhar o fio da história. É verdade também que a poesia por si só é veículo apropriado para tal transgressão, mas a poesia é só um gênero literário, que, sem estar ligada a vida real, é pura distração. Este profeta parece confessar nas entrelinhas seu forte desejo pelo fim das estruturas conhecidas em direção ao novo *éthos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKPUNONU, P. D. **The Overture of the Book of Consolations (Isaiah 40:1-11)**. New York: Peter Lang Publishing, 2004.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.



BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BLINKINSOPP, Joseph. **Isaiah 40-55.** New York: Doubleday, 2002.

BONNARD, P.- E. **Le Second Isaïe, son Disciple et leurs Editeurs.** Paris: Librairie Lecoffre, 1972.

BRUEGGEMANN, Walter. **Isaiah 40-56.** Louisville: Westminster John Knox, 1997.

DELITZSCH, Franz. **Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah.** Vol. II. Edinburg: T. & T. Clark, 1890.

DUHM, Bernhard. **Das Buch Jesaja.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1922.

GOLDINGAY, J. **Isaiah.** Peabody: Hendrickson Publishers, 2001.

JEREMIAS, Joachim. “poimen”, em: **Theological Dictionary of the New Testament VI.** Grand Rapids: Eerdmans, 1976, p. 487.

KNIGHT, George A. F. **Servant Theology: A Commentary on Isaiah 40-55.** Edinburg: The Handsel Press, 1984.

MARTI, Karl. **Das Buch Jesaja Kurzer Hand-Commentar zum Alten Testament,** vol. X. Freiburg: J. C. B. Mohr, 1900.

MULENBURG, J. “The Book of Isaiah Chapters 40-66”, em: **The Interpreter’s Bible,** vol. V. 1956.

NORTH, Christopher. **The Second Isaiah:** Introduction, Translation and Commentary to Chapters XL-LV. Oxford: Clarendon Press, 1971.

PENNA, Angelo. **Isaia.** La Sacra Bibbia. Turin: Marietti, 1964.

PRITCHARD, James B. (ed) **The Ancient Near East in pictures relating to the Old Testament.** (ANEP) 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1954.

PRITCHARD, James B. (ed) **Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament.** (ANET) 2^a ed. Princeton: Princeton University Press, 1955.

PRITCHARD, James B. (ed) **Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament:** supplement. (ANETs) Princeton: Princeton University Press, 1969.

RIGNELL, L. G. A **Study of Isaiah Ch 40-55**. Lund: Hakan Ohlssons Boktryekerei, 1956.

SMART, James D. **History and Theology in Second Isaiah**. Philadelphia: The Westminster Press, 1965.

THOMPSON, Michael E. W. **Isaiah 40-66**. London: Epworth Press, 2001.

WESTERMANN, Claus. **Isaiah 40-66: A Commentary**. Philadelphia: Westminster Press, 1969.

YOUNG, Ernst. **Studies in Isaiah**. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.